

# O cearense vence o amazonense

15 FEVEREIRO 1989

JORNAL DA TARDE

A primeira batalha pela disputa da vaga de Ulysses Guimarães na presidência da Câmara foi vencida ontem pelo cearense Paes de Andrade, que contava com o apoio do Planalto. Com 108 votos contra 83, conforme indicação da bancada do PMDB, Andrade derrotou o amazonense Bernardo Cabral, o candidato dos ulyssistas, mas terá de enfrentar hoje outra disputa, agora no plenário, com o gaúcho Paulo Mincarone, que vem trabalhando agressivamente por fora e está convencido de conquistar a maioria absoluta dos 495 votos necessários.

Bernardo Cabral bem que se esforçou para conseguir a indicação: em seu discurso, propôs informatizar a Câmara — o que Andrade

também prometeu — e construir um novo anexo para abrigar parlamentares de Amapá, Roraima e Tocantins. Paes de Andrade fez elogios a Ulysses e lembrou seu exercício parlamentar "de mais de 30 anos". Mincarone, que se recusou a submeter seu nome à bancada do PMDB, preferiu não comparecer à reunião. Mas não deixou de marcar presença: mandou como representantes quatro garotas uniformizadas estampando sua propa-

André Dusek/AE



Paes: agora, contra um gaúcho.

ganda nas camisetas.

Paes de Andrade espera vencer a etapa de hoje, confiando no acordo firmado ontem pelos líderes partidários apoiando os candidatos indicados por cada uma das bancadas para ocupar os cargos da Mesa. Mincarone fará exata-

mente o contrário: vai lutar para derrubar esse acordo. Quem vencer, ficará com a presidência da Câmara e com o privilégio de sentar na cadeira do presidente Sarney,

quando estiver fora do País.

## Líderes

Em sucessivas reuniões de bancadas, ainda ontem, foram mantidos na liderança de seus partidos Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), José Lourenço (PFL-BA) e Amaral Neto (PDS-RJ) — todos indicados junto com a escolha dos parlamentares de cada partido que compõem a Mesa da Câmara. Ibsen e Lourenço não tinham concorrentes, mas não foram poupadados de algumas resistências. No PDS, Amaral venceu Gérson Peres, por 17 votos contra dez. Aos que insistiam que o nome deveria ser escolhido por votação, Lourenço argumentou que voto secreto, nessas circunstâncias, não tem respaldo político. E conseguiu permanecer no cargo.